

Bolsa-Escola gasta R\$ 2,8 mi

Em sete meses de funcionamento o programa atendeu 5.785 famílias carentes com um salário mínimo

FABIANA SANTOS

O Programa Bolsa-Escola completa sete meses de existência com 5.785 famílias beneficiadas — um salário mínimo distribuído mensalmente pelo governo para cada família que mantiver seus filhos na escola. Este ano já foram gastos R\$ 2,8 milhões, mas a previsão do governo para o próximo ano é atingir 27 mil famílias com recurso de R\$ 22,8 milhões. Segundo o secretário-adjunto de Educação e coordenador do Programa, Paulo Valle, comparado aos R\$ 67,3 milhões que foram investidos em 1994 com os alunos repetentes do Ensino Fundamental, o programa é uma forma econômica para evitar a repetência escolar. As mães acompanham o rendimento dos filhos e exigem boas notas para não perder a bolsa.

A execução do programa está lenta — já que a intenção do governo é beneficiar 56 famílias carentes. Mas para o coordenador do programa, esta atitude é proposital. “A morosidade faz parte de uma estratégia do governo. Afinal de contas, o programa é pioneiro no

Brasil. Tivemos que criar mecanismos próprios para a implantação e de forma gradativa podemos evitar erros”, afirmou Valle. “Programas como cesta básica e ticket-alimentação não exigem uma contrapartida da população. No caso da Bolsa-Escola, a família tem que cumprir exigências e ter responsabilidade”, comparou Paulo Valle.

A estrutura do Programa conta com uma Comissão Executiva de cinco pessoas ligadas ao GDF, além de um representante do Conselho do Direito das Crianças e do Adolescente e outro do Movimento de Meninos e Meninas de Rua. Subordinada à Comissão existe uma Secretaria Executiva que acompanha desde a inscrição e seleção até a manutenção da bolsa. “Vinte e cinco por cento das famílias que se inscrevem são visitadas para a confirmação de dados”, explicou Maria Leodenice, integrante da Secretaria Executiva. “No Paranoá, por exemplo, retiramos cinco bolsas pois o fator renda não estava correto”, disse Leodenice.

Em cada cidade-satélite onde a Bolsa-Escola já foi efetivada, existe uma comissão local de pessoas vo-

luntárias para ajudar na fiscalização das famílias que estão recebendo o dinheiro. “O controle da frequência escolar de cada aluno bolsista é encaminhado todo mês à Secretaria”, informou Leodenice.

“É importante destacar que não foi criado nenhum cargo extra para a realização do Programa Bolsa-Escola. O trabalho está sendo feito por pessoas da Secretaria de Educação”, disse Paulo Valle. “As despesas com informatização do sistema, estagiários para ajudar na seleção e outras questões administrativas foram de R\$ 140 mil este ano”, informou o secretário-adjunto de Educação.

A próxima etapa da Bolsa-Escola será de inscrição das famílias de Samambaia e Ceilândia, entre os dias 4 e 22 de dezembro. Os pagamentos são feitos sempre em espécie, mediante apresentação do cartão de identificação do beneficiário, no décimo dia útil do mês nas agências do BRB. No caso das famílias de Samambaia e Ceilândia o pagamento está programado para acontecer no dia 14 de março do ano que vem.

EXIGÊNCIAS PARA BOLSA

- Ter todos os filhos com idade entre 7 e 14 anos matriculados em escola pública do DF;
- Residir no DF há cinco anos consecutivos;
- Comprovar inscrição nos Programas de Emprego e Renda da Secretaria do Trabalho;
- Ter renda mensal que não ultrapasse a meio salário mínimo por pessoa da família;

CIDADES BENEFICIADAS

Informações	Paranoá	Varjão	Brazlândia	S. Sebastião	Recanto	Total
Famílias inscritas	2.127	247	1.846	1.138	1.658	7.016
Famílias selecionadas	1.850	229	1.516	856	1.334	5.785
Alunos bolsistas	3.599	325	3.069	1.284	2.487	10.764

Família premiada perde ajuda

Por causa de um sorteio no Bingão dos Importados, a família de Floraci Chaves da Silva perdeu o direito à Bolsa-Escola. O marido, Raimundo Nonato de Carvalho, foi contemplado com um Peugeot e uma Ford Fiesta no dia 12 de junho. Na segunda quinzena de outubro, Floraci recebeu um telefonema informando que a bolsa de sua filha estava suspensa. “Eles falaram que por causa dos prêmios a gente não precisava mais do dinheiro. Mas a gente não comeu e nem bebeu com o lucro destes carros porque eles ainda não foram vendidos”, reclamou Floraci.

Floraci se queixa também que a filha Diana, de 8 anos, está desanimada de estudar porque perdeu a bolsa. “Enquanto tinha o dinheiro,

ela acordava animada e se aplicava nos estudos. Agora fica me cobrando que quer a bolsa-escola dela de volta”, disse Floraci. “Ela fica dizendo que agora pode matar aula”, completou a mãe.

Floraci tem ainda uma filha de quatro anos e a família mora num barraco na quadra 32 do Paranoá. O Peugeot 0 KM foi trocado por um Corsa seminovo e segundo Floraci, o marido recebeu R\$ 3 mil com o negócio. “Talvez a gente fique com o Fiesta porque tem quatro portas”, alegou Floraci. Mas o carro não cabe no terreno do barraco onde eles moram. “Estamos guardando os dois carros na garagem da loja de um amigo”, explicou ela. (F.S.)



Zaira Ramos, diretora da Escola Classe 2 do Paranoá, lamenta alto índice de desemprego dos pais



Com a ajuda das professoras, os alunos têm se dedicado mais aos estudos para garantir a bolsa

Rendimento dos alunos melhora

“Não tenho nenhuma falta na escola”, gaba-se José Carlos de Souza, 14 anos, que cursa a 5ª série e é um dos bolsistas do Paranoá, onde o Programa Bolsa-Escola começou. Para a mãe, Ortelina Ferreira de Souza, “é uma felicidade só” ver o filho estudando tanto. “Esse menino era um terror antes da bolsa. Na reunião da escola a professora sempre reclamava dele”, atesta a mãe. José Carlos tem ainda mais quatro irmãos e três são bolsistas como ele. O pai, Mizael de Souza trabalha como servente mas está desempregado. “Está muito ruim de arranjar emprego”, reclama ele. A família mora num barraco de dois cômodos no Paranoá.

Mas não foi só o rendimento do filho que melhorou para a família Souza depois da Bolsa. “Estou podendo fazer feira e comprar umas roupinhas para as crianças”, disse Ortelina, que mostra orgulhosa o tênis novo que comprou para o filho. Na casa da família do bolsista Márcio Gonçalves Xavier, 10 anos, também do Paranoá, o dinheiro é para a comida. “Todo mês minha mãe compra feijão, arroz e leite. Ninho para a gente”, disse Márcio.

Naldira Maria Rodrigues tem nove filhos e quatro netos — todos moram num cômodo de 24 metros quadrados na quadra 30 do Paranoá. Quatro filhos de Naldira estão na escola e a família recebe a bolsa. “Eu faço milagre com este dinheiro. Vai ser ruim quando tiver que acabar”, disse Naldira. (F.S.)